

4 – Setor externo

O desaquecimento da economia e, principalmente, a depreciação do real, no segundo semestre do ano, foram os principais determinantes internos para o comportamento do balanço de pagamentos, influenciado também pela configuração que tomou o cenário internacional nesse período. Em reação a esse ambiente, o saldo em transações correntes explicitou a evolução favorável das exportações e importações de bens e serviços.

Os resultados mais recentes da balança comercial confirmam o superávit esperado no ano, os investimentos voltaram para um patamar superior e a necessidade de proteção cambial foi reduzida, com recuperação gradativa de confiança por parte dos investidores.

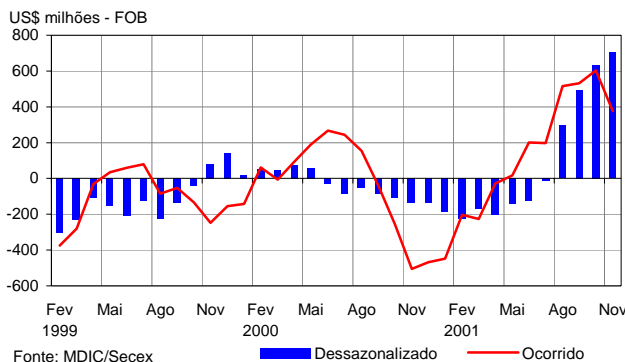
4.1 – Comércio de bens

Balança comercial - FOB

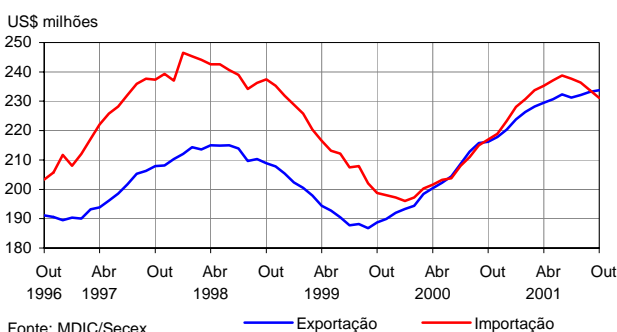
Período	Exportação	Importação	Saldo	US\$ milhões	
					Corrente de comércio
Jan-out	2001	49 377	47 878	1 499	97 254
	2000	46 037	45 902	134	91 939
Var. %		7,3	4,3		5,8

Fonte: MDIC/Secex

A série de superávits comerciais mensais iniciada em abril tem-se mantido nos últimos meses, em razão da redução das importações e pela sustentação das exportações, impulsionadas por vendas de importantes itens da pauta de produtos básicos e semimanufaturados. No primeiro semestre de 2001, as exportações cresceram 11,6%, ante o patamar registrado em igual período de 2000, e as importações, 15,1%, taxas que atingem 1,8% e -9,3%, respectivamente, se considerado o desempenho no quadrimestre subsequente. No período janeiro a outubro, as exportações somaram US\$49,4 bilhões e as importações, US\$47,9 bilhões, o que representou crescimento de 7,3% e 4,3%, respectivamente, em relação às assinaladas em igual período de 2000. O superávit comercial passou

Balança comercial - média móvel 3 meses**Médias diárias de exportação e importação - FOB**

Acumulado em 12 meses



de US\$134 milhões, em 2000, para US\$1,8 bilhão, em 2001, com crescimento de 5,8% na corrente de comércio no período comparativo.

A evolução favorável das exportações esteve associada à depreciação da taxa de câmbio real, que totalizou 17,2% no período de janeiro a outubro de 2001, ante igual período de 2000, se deflacionada pelo Índice de Preços por Atacado - Disponibilidade Interna (IPA-DI), e ao desempenho de alguns produtos, sobretudo soja e derivados, proteína animal, açúcar e derivados do petróleo. A retração nas importações deveu-se à depreciação cambial e à redução da demanda interna.

Os eventos interdependentes que afetaram o comércio externo, principalmente no segundo semestre, como o desaquecimento da economia doméstica e mundial e a depreciação cambial, refletiram-se nos índices de preços das exportações e das importações. Assim, em outubro, as exportações apresentaram redução de preços de 2,6%, no ano, e de 5,8%, em relação a igual período de 2000, enquanto os preços das importações retraíram-se 1,8% e 3,7%, respectivamente. A quantidade exportada elevou-se nos dois períodos comparativos, 10,1% e 14,3%, respectivamente, e a quantidade importada, que cresceu 6,2% no período de janeiro a outubro, contraiu 4,5% se considerados os meses de outubro dos dois anos. A redução nos preços das exportações, sobretudo de produtos básicos e semimanufaturados, em ritmo mais acelerado que a queda nos preços das importações, implicou deterioração nos termos de troca durante o ano.

A manutenção de patamar elevado para as exportações e a queda das importações, no último trimestre do ano, representam inversão do comportamento típico do período. Nesse sentido, assinala-se o desempenho das vendas externas de básicos e semimanufaturados, que apresentaram crescimento no *quantum* de 40,9% e 34% em outubro, ante outubro de 2000, respectivamente, acentuando o superávit

Exportação por fator agregado - FOB

Janeiro-outubro

Discriminação	US\$ milhões					
	Acumulado			Média diária		
	2000	2001	Var. %	2000	2001	Var. %
Total	46 037	49 377	7,3	219,2	235,1	7,3
Básicos	10 714	13 255	23,7	51,0	63,1	23,7
Industrializados	34 038	34 537	1,5	162,1	164,5	1,5
Semimanufaturados	7 010	6 868	-2,0	33,4	32,7	-2,0
Manufaturados	27 028	27 670	2,4	128,7	131,8	2,4
Operações especiais	1 284	1 585	23,4	6,1	7,5	23,4

Fonte: MDIC/Secex

Exportação por fator agregado - FOB

Principais produtos - janeiro-outubro

Discriminação	US\$ milhões		
	Média diária		Variação
	2000	2001	percentual
Total	219,2	235,1	7,3
Básicos	51,0	63,1	23,7
Soja mesmo triturada	10,0	12,6	25,8
Minérios de ferro	12,3	12,0	-2,4
Farelo de soja	6,6	8,3	25,5
Carne de frango, inclusive miúdos	3,2	5,1	60,8
Café cru em grão	6,3	4,8	-23,0
Fumo em folhas e desperdícios	3,2	4,0	24,2
Carne bovina <i>in natura</i>	2,0	2,9	43,5
Semimanufaturados	33,4	32,7	-2,0
Açúcar de cana em bruto	2,6	5,4	112,3
Celulose	6,8	5,1	-24,7
Semimanufaturados, de ferro ou aços	5,6	4,0	-28,4
Couros e peles	2,9	3,4	19,1
Alumínio em bruto	3,6	2,9	-18,9
Manufaturados	128,7	131,8	2,4
Aviões	12,1	11,5	-5,0
Automóveis de passageiros	6,9	8,0	15,5
Calçados	6,4	6,9	6,9
Aparelhos transm. ou receptores	6,3	6,7	5,2
Autopeças	4,8	4,8	-0,9
Motores para veículos automóveis	4,3	4,4	1,9
Óleos combustíveis	1,2	3,3	171,9
Açúcar refinado	1,6	3,3	103,6
Suco de laranja congelado	4,3	3,2	-25,5
Bombas, compressores etc.	2,9	2,6	-9,3
Laminados planos de ferro/aço	3,5	2,4	-30,5
Papel e cartão para fins gráficos	2,1	2,2	3,6
Gasolina	1,5	2,1	41,3
Móveis e suas partes	1,9	1,9	0,8
Pneumáticos	2,1	1,9	-10,6
Motores/gerad./transf.elétr. e partes	1,4	1,8	25,2
Operações especiais	6,1	7,5	23,4
Óleos e comb. para consumo de bordo	3,8	4,5	16,4

Fonte: MDIC/Secex

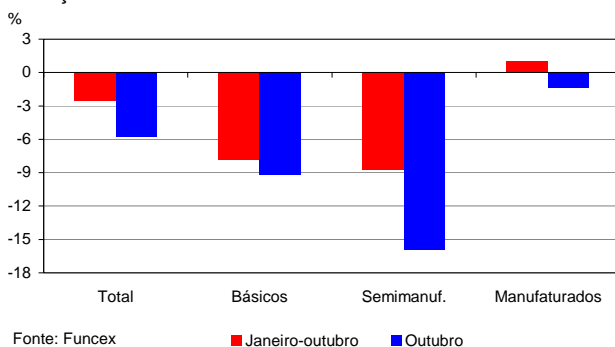
comercial dessazonalizado no mês e explicando, em parte, o saldo dessazonalizado anualizado de US\$8,4 bilhões relativo a novembro de 2001.

O crescimento das exportações esteve associado ao aumento de 23,7% nas vendas de produtos básicos, que totalizaram US\$13,3 bilhões no período de janeiro a outubro de 2001, revelando crescimento de 34,1% na quantidade e queda de 7,8% nos preços. Destacaram-se as vendas de soja e farelo de soja, que expandiram-se 25,5% no período, e as de proteína animal, em especial de carne de frango, 60,8%, e de carne bovina, 43,5%, cujas demandas mundiais elevaram-se após o surto infeccioso verificado na pecuária europeia. Assinale-se, ainda, entre os principais produtos básicos, o crescimento de 24,2% nas exportações de fumo e a contração de 23% nas referentes a café.

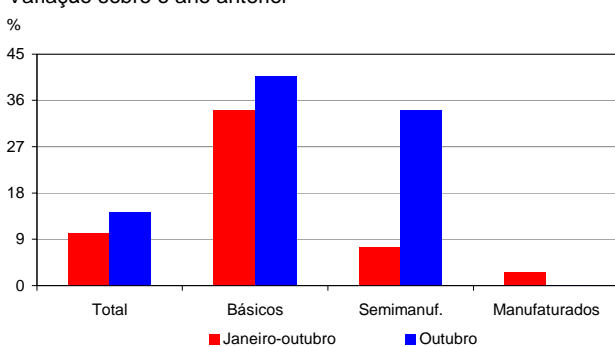
As exportações de semimanufaturados totalizaram US\$6,9 bilhões, apresentando retração de 2%, comparativamente ao total acumulado entre janeiro e outubro de 2000. Registrou-se, no período, queda de 8,7% nos preços e expansão de 7,4% na quantidade exportada. Entre os principais produtos semimanufaturados, encontram-se insumos cuja demanda foi afetada pela retração econômica mundial, tais como celulose, cujas exportações declinaram 24,7%, e semimanufaturados de ferro ou aços e alumínio em bruto, cujas contrações situaram-se em 28,4% e 18,9%, respectivamente. Por outro lado, as vendas externas de açúcar, que em 2000 refletiram a opção dos produtores pela maior rentabilidade associada à produção do álcool, apresentaram crescimento de 112,3%, principalmente em razão da quantidade embarcada.

Exportações - índice de preços

Variação sobre o ano anterior

**Exportações - índice de quantum**

Variação sobre o ano anterior



O crescimento das exportações de produtos manufaturados persiste em trajetória declinante, tendo alcançado 2,4% no período de janeiro a outubro, com receitas de US\$27,7 bilhões. A participação das vendas da categoria no total das exportações declinou de 58,7%, em 2000, para 56%, em 2001. A retração marginal tem ocorrido nos preços e na quantidade, que registraram crescimentos de 1,1% e 2,5%, no período, ante 1,7% e 6,7%, respectivamente, no acumulado do primeiro semestre de 2001, ante igual período de 2000. Na sustentação das exportações de produtos manufaturados, têm-se destacado as exportações de automóveis, que cresceram 15,5% no período de janeiro a outubro de 2001, relativamente a igual período de 2000, com vendas impulsionadas pelo menor custo de produção no país, relativamente a outros centros de produção automotiva, e por acordos bilaterais. As exportações de óleos combustíveis e de gasolina mostraram incremento de 171,9% e 41,3% no período, em razão

de estratégia mercadológica e maior capacidade de refino de petróleo por parte da Petrobras. As vendas externas de açúcar refinado elevaram-se 103,6%, em razão da maior produção interna, motivada pela redução da rentabilidade na produção de álcool, e pelo crescimento da demanda de países do Oriente Médio, da África e da Rússia. Entre os produtos manufaturados que apresentaram retração das exportações, assinala-se aviões, 5%, e suco de laranja, 25,5%.

Importação por categoria de uso final - FOB

Janeiro-outubro

Discriminação	US\$ milhões					
	Acumulado			Média diária		
	2000	2001	Var. %	2000	2001	Var. %
Total	45 902	47 878	4,3	218,6	228,0	4,3
Bens de capital	10 994	12 563	14,3	52,4	59,8	14,3
Matérias-primas	23 729	23 889	0,7	113,0	113,8	0,7
Bens de consumo	5 973	6 086	1,9	28,4	29,0	1,9
Duráveis	2 734	3 081	12,7	13,0	14,7	12,7
Não-duráveis	3 239	3 005	-7,2	15,4	14,3	-7,2
Comb. e lubrific.	5 207	5 339	2,5	24,8	25,4	2,5

Fonte: MDIC/Secex

As importações aumentaram 4,3% no período de janeiro a outubro, comparativamente ao total registrado em período correspondente do ano anterior, perfazendo US\$47,9 bilhões. Desde julho, observam-se taxas negativas na comparação com mesmo mês do ano anterior, o que coincide com a desaceleração do PIB ocorrida no período.

O incremento nos gastos anuais com importação deveu-se à elevação na quantidade importada, uma vez que os preços apresentaram-se em queda,

Importação por categoria de uso final - FOB

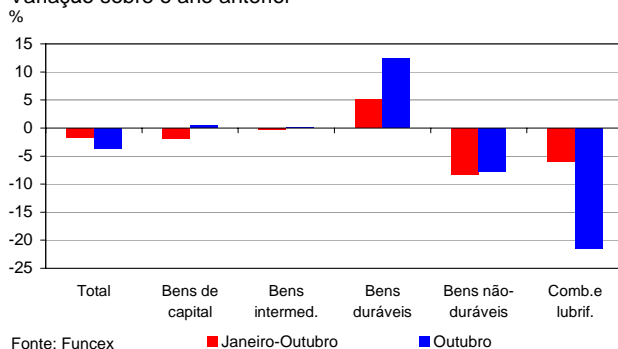
Principais produtos - janeiro-outubro

Discriminação	US\$ milhões		
	Média diária		
	2000	2001	Var. %
Total	218,6	228,0	4,3
Bens de capital	52,4	59,8	14,3
Maquinaria industrial	15,2	18,5	22,3
Máq./apar. escritório, serviço científico	9,8	10,8	10,1
Peças para bens de capital para indústria	6,2	7,5	21,5
Acessórios de maquinaria industrial	3,7	4,2	10,8
Demais	17,5	18,8	7,9
Matérias-primas e bens intermediários	113,0	113,8	0,7
Produtos químicos e farmacêuticos	31,4	32,7	4,1
Produtos intermediários - partes e peças	19,3	19,6	1,7
Produtos minerais	19,4	18,9	-2,6
Naftas	7,2	5,8	-19,4
Acessórios de equipamentos de transporte	16,3	17,7	8,9
Produtos agropecuários não-alimentícios	9,9	8,1	-18,6
Produtos alimentícios	6,6	6,5	-2,3
Demais	10,1	10,3	1,8
Bens de consumo duráveis	13,0	14,7	12,7
Veículos automóveis de passageiros	4,4	6,0	38,0
Objetos de adorno pessoal	2,7	2,9	5,3
Máquinas e aparelhos de uso doméstico	2,2	1,9	-10,9
Peças para bens de consumo duráveis	2,1	1,8	-10,7
Móveis e outros equipamentos para casa	0,7	1,0	39,8
Demais	1,0	1,0	2,3
Não-duráveis	15,4	14,3	-7,2
Produtos alimentícios	5,9	4,7	-19,8
Produtos farmacêuticos	4,5	4,6	3,1
Produtos de tocador	1,0	0,9	-5,2
Vestuário e outras confecções têxteis	0,7	0,7	9,2
Bebidas e tabacos	0,6	0,7	26,4
Demais	2,9	2,7	-8,5
Combustíveis e lubrificantes	24,8	25,4	2,5
Petróleo	13,2	13,0	-1,7
Demais	11,6	12,4	7,4

Fonte: MDIC/Secex

Importações - índice de preços

Variação sobre o ano anterior



Fonte: Funcex

■ Janeiro-Outubro

■ Outubro

excetuando-se bens de consumo duráveis. Em outubro de 2001, as categorias que apresentaram maior retração nos preços foram combustíveis e lubrificantes e bens de consumo não-duráveis, evidenciando a queda nos preços do petróleo. Do ponto de vista do *quantum* importado, bens de capital foram a categoria mais dinâmica, registrando as maiores variações em outubro de 2001 e no ano. As quantidades de bens intermediários e de consumo duráveis apresentaram queda em relação ao patamar de outubro de 2000, apesar do incremento no acumulado anual.

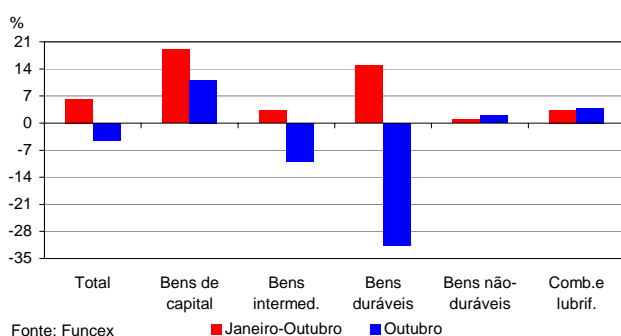
No ano, as importações de maquinaria industrial, máquinas e aparelhos de escritório/serviço científico, peças para bens de capital para indústria, produtos químicos e farmacêuticos, veículos automóveis de passageiros e óleo diesel exerceram pressão mais acentuada sobre a balança comercial. Em outubro, como resultado da redução na atividade econômica, as importações relativas a todas as categorias de uso reduziram-se, em relação às de equivalente mês de 2000, excetuando-se as de bens de capital, influenciadas por reduções do imposto de importação no âmbito do regime de ex-tarifários e pela necessidade de geração de energia elétrica por fontes alternativas aos recursos hídricos. No ano, as importações de bens de capital contribuíram com 79,4% para o aumento total das importações.

A expressiva contração nas compras de bens de consumo duráveis registrada no bimestre setembro/outubro relacionou-se com o recuo das aquisições de máquinas e aparelhos de uso doméstico, em parte como resultado do racionamento de energia, e de automóveis de passageiros, como reflexo do próprio arrefecimento da atividade econômica. As

importações de não-duráveis mantiveram-se em patamar inferior ao registrado em 2000, com acentuada redução em produtos alimentícios. Igualmente significativa foi a redução no volume das compras de matérias-primas e produtos intermediários, principalmente em produtos minerais, reflexo da retração nas compras de nafta, em produtos agropecuários não-alimentícios e em partes e peças de produtos intermediários.

Importações - índice de *quantum*

Varição sobre o ano anterior



Registre-se, ainda, que a redução no valor das importações de petróleo relacionou-se à queda nos preços, uma vez que o *quantum* apresentou crescimento. Interessante ressaltar que, caso o preço-médio das importações do produto em 2000 estivesse vigindo no período julho-outubro deste ano, o valor de aquisição das importações de petróleo relativas ao quadrimestre iria expandir aproximadamente US\$100 milhões.

Exportação e importação por área geográfica - FOB

Janeiro-outubro

Discriminação	US\$ milhões							
	Exportação			Importação			Saldo	
	2000	2001	Var. %	2000	2001	Var. %	2000	2001
Total	46 037	49 377	7,3	45 902	47 878	4,3	134	1 499
Aladi	10 632	10 429	-1,9	9 764	8 660	-11,3	868	1 769
Mercosul	6 377	5 594	-12,3	6 474	6 052	-6,5	-97	-459
Argentina	5 135	4 432	-13,7	5 687	5 384	-5,3	-552	-953
Demais	1 242	1 162	-6,4	787	668	-15,1	455	494
México	1 425	1 515	6,3	602	601	-0,1	824	914
Demais	2 830	3 320	17,3	2 688	2 006	-25,4	142	1 314
EUA ^{1/}	11 187	11 969	7,0	10 707	11 195	4,6	480	774
UE	12 623	12 843	1,7	11 653	12 746	9,4	970	97
Europa Or. ^{2/}	733	1 424	94,3	950	960	1,1	-217	464
Ásia	5 367	5 908	10,1	6 995	7 697	10,0	-1 629	-1 789
Japão	2 156	1 688	-21,7	2 460	2 658	8,1	-303	-969
Coréia (Sul)	488	597	22,3	1 158	1 402	21,1	-670	-805
China	868	1 682	93,7	969	1 109	14,5	-101	572
Outros	1 854	1 942	4,7	2 409	2 528	4,9	-555	-587
Demais	5 495	6 803	23,8	5 834	6 619	13,5	-338	184

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui Porto Rico.

2/ Albânia, Bulgária, Hungria, Polônia, República Eslovaca, República Tcheca, Romênia e países da ex-União Soviética.

No intercâmbio comercial brasileiro, registre-se o crescimento do superávit com os países da Aladi, de US\$868 milhões no período de janeiro a outubro de 2000, para US\$1,8 bilhão, no período correspondente em 2001. Esse aumento deveu-se, fundamentalmente, à redução de 11,3% nas importações brasileiras, em especial da Venezuela, 47,8%, motivada pela redução do preço do petróleo e derivados. No âmbito do Mercosul, ressalte-se a redução de 13,7% nas exportações destinadas à Argentina.

Quanto aos EUA, verificou-se crescimento de 7% nas exportações e de 4,6% nas importações, elevando o superávit de US\$480 milhões para US\$774 milhões. Houve incremento nas vendas de aviões, calçados, aparelhos transmissores ou receptores, automóveis e, sobretudo, óleos combustíveis e gasolina, que se constituíram nos principais produtos exportados para os EUA no período.

Com relação à União Européia (UE), ocorreu expansão de 9,4% nas importações e de 1,7% nas exportações, determinando redução do superávit de US\$970 milhões, no período de janeiro a outubro de 2000, para US\$97 milhões, em 2001.

As vendas externas de açúcar constituíram-se no fator preponderante ao aumento de 94,3% nas exportações para a Europa Oriental. O saldo comercial com o bloco reverteu-se de déficit de US\$217 milhões para superávit de US\$464 milhões, no período comparativo.

No que se refere ao comércio com os países asiáticos, no período de janeiro a outubro, o déficit ampliou-se de US\$1,6 bilhão para US\$1,8 bilhão, principalmente pela retração de 21,7% nas exportações para o Japão. Assinale-se o aumento do intercâmbio com a Coreia do Sul e, principalmente, com a China, com as exportações para a Coreia do Sul expandindo 22,3% e as importações, 21,1%, implicando aumento no déficit comercial, de US\$670 milhões, para US\$805 milhões. Em relação à China, verificou-se crescimento de 93,7% nas exportações, sobressaindo-se as vendas de soja em grão, farelo de soja e automóveis, enquanto as importações elevaram-se 14,5%.

4.2 – Serviços e rendas

O fluxo líquido de serviços e rendas com o exterior resultou em pagamentos de US\$22,7 bilhões no período de janeiro a outubro de 2001, aumento de 10,6% em relação ao registrado no mesmo período do ano anterior. Esse aumento deveu-se, em sua maior parte, à elevação nas remessas líquidas de renda para o exterior, destacados os lucros e dividendos.

Os serviços registraram déficit de US\$6,5 bilhões no período. A expansão de 11,8% esteve vinculada, principalmente, à elevação de US\$822 milhões em gastos líquidos com aluguel de equipamentos e ao déficit de US\$197 milhões relativo a seguros, ante superávit de US\$6 milhões no ano anterior. As despesas líquidas com transportes diminuíram US\$203 milhões, com aumento de US\$42 milhões em gastos líquidos com fretes e redução de US\$245 milhões com outros serviços de transportes. Os gastos líquidos com viagens internacionais registraram

Transações correntes

Discriminação	US\$ bilhões			
	1999	2000	2001	
	Ano	Jan-Out	Ano	Jan-Out
Transações correntes	-25,4	-19,1	-24,7	-19,9
Balança comercial	-1,3	0,1	-0,7	1,5
Exportações	48,0	46,0	55,1	49,4
Importações	49,3	45,9	55,8	47,9
Serviços	-7,0	-5,9	-7,6	-6,5
Transportes	-3,1	-2,7	-3,3	-2,5
Viagens internacionais	-1,5	-1,7	-2,1	-1,3
Computação e informações	-1,0	-0,9	-1,1	-0,9
Aluguel de equipamentos	-0,6	-0,9	-1,3	-1,7
Demais	-0,8	0,4	0,2	-0,1
Rendas	-18,8	-14,7	-17,9	-16,1
Juros	-14,9	-12,1	-14,6	-12,5
Lucros e dividendos	-4,1	-2,6	-3,3	-3,7
Salários e ordenados	0,1	0,1	0,1	0,1
Transferências correntes	1,7	1,2	1,5	1,3

diminuição de US\$394 milhões, resultado da retração nos gastos de brasileiros com viagens ao exterior, associada ao aumento de custos decorrentes da depreciação cambial e, a partir de setembro, aos atentados nos Estados Unidos.

A remessa líquida de renda para o exterior somou US\$16,1 bilhões, com o crescimento de US\$1,5 bilhão concentrando-se em lucros e dividendos, cujas remessas líquidas aumentaram 43,2%. As remessas líquidas de lucros e dividendos relativos a investimentos diretos e em carteira cresceram US\$869 milhões e US\$253 milhões, respectivamente. Os pagamentos líquidos de juros cresceram em proporção menor, 3,1%, e somaram US\$12,5 bilhões. Esse aumento concentrou-se em juros de títulos de renda fixa, cujas despesas líquidas aumentaram US\$751 milhões.

Registraram-se elevações de pagamentos de juros referentes a *bônus*, US\$651 milhões, *notes*, US\$433 milhões, *commercial papers*, US\$64 milhões, e empréstimos intercompanhias, US\$194 milhões. Essas elevações foram compensadas, parcialmente, pela redução de US\$767 milhões em pagamentos de juros de outros investimentos, com destaque para a queda de US\$450 milhões em juros pagos pelo Banco Central.

Conta financeira

Discriminação	US\$ bilhões			
	1999	2000	2001	
	Ano	Jan-Out	Ano	Jan-Out
Conta financeira	17,0	12,9	19,1	24,4
Investimentos diretos	26,9	22,9	30,5	18,5
Brasileiros no exterior	-1,7	-1,9	-2,3	1,9
Estrangeiros no País	28,6	24,8	32,8	16,6
Participações	30,0	22,5	30,0	13,5
Intercompanhias	-1,4	2,2	2,8	3,1
Investimentos em carteira	3,8	6,2	7,0	2,4
Ativos	0,3	-1,8	-1,7	-0,8
Passivos	3,5	8,0	8,7	3,3
Derivativos	-0,1	-0,1	-0,2	-0,4
Outros investimentos	-13,6	-16,0	-18,2	3,8
Ativos	-4,4	-0,5	-3,0	-5,5
Passivos	-9,2	-15,6	-15,2	9,3

4.3 – Conta financeira

A conta financeira registrou ingresso líquido de US\$24,4 bilhões nos dez primeiros meses de 2001. Os investimentos estrangeiros diretos somaram US\$16,6 bilhões, queda de 32,9% em relação ao registrado no mesmo período de 2000. O ingresso líquido para participação no capital de empresas brasileiras somou US\$13,5 bilhões, contração de 40,2%, compensada, em parte, pela elevação de US\$919 milhões nos desembolsos líquidos de empréstimos intercompanhias.

Usos e fontes de recursos

Discriminação	US\$ bilhões			
	2000	2001		2002
	Ano	Jan-Out	Ano ^{1/}	Ano ^{2/}
Usos	-56,6	-48,8	-56,4	-47,7
Transações correntes	-24,7	-19,9	-23,4	-20,6
Balança comercial	-0,7	1,5	2,0	5,0
Serviços e rendas	-25,5	-22,7	-27,0	-27,2
Juros	-14,6	-12,5	-14,9	-14,5
Lucros e dividendos	-3,3	-3,7	-4,4	-4,8
Viagens internacionais	-2,1	-1,3	-1,4	-1,2
Demais	-5,4	-5,1	-6,2	-6,7
Transferências correntes	1,5	1,3	1,6	1,6
Amortizações médio e longo prazo ^{3/}	-32,0	-28,9	-33,1	-27,1
Bônus, <i>notes</i> e <i>commercial papers</i>	-13,1	-14,8	-17,1	-9,6
Pagas	-7,0	-12,6	-15,0	-9,6
das quais dívida nac. (<i>Bradies</i>)	-	-3,1	-3,1	0,0
Refinanciados	-6,1	-2,2	-2,2	0,0
Crédito de fornecedores	-5,7	-2,7	-2,7	-2,9
Empréstimos diretos ^{4/}	-13,2	-11,4	-13,1	-14,6
Fontes	56,6	48,8	56,4	47,7
Conta capital	0,3	0,2	0,3	0,0
Investimentos estrangeiros diretos	32,8	16,6	20,0	18,0
Inv. ações e pap. dom. longo prazo	2,8	2,2	2,6	3,1
Desembolsos médio e longo prazo ^{5/}	37,3	30,2	33,7	27,7
Bônus, <i>notes</i> e <i>commercial papers</i>	18,7	15,3	16,0	10,8
Crédito de fornecedores	2,7	2,2	2,7	2,8
Empréstimos diretos	15,9	12,7	15,1	14,1
Ativos brasileiros no exterior	-6,6	-3,9	-3,6	-1,1
Depósitos de bancos	1,3	-2,3	-3,4	2,2
Demais ativos	-7,9	-1,7	-0,1	-3,3
Empréstimos ao Banco Central	-10,4	6,7	6,7	-2,5
Demais ^{6/}	-1,8	1,1	0,4	0,0
Ativos de reservas	2,3	-4,4	-3,6	2,5

1/ Previsão.

2/ Projeção.

3/ Registra amortizações de crédito de fornecedores de médio e longo prazos, empréstimos de médio e longo prazos e papéis de médio e longo prazos colocados no exterior. Exclui amortizações de empréstimos ao Banco Central e intercompanhias.

4/ Registra amortizações de empréstimos concedidos por bancos estrangeiros, compradores, agências e organismos.

5/ Exclui desembolsos de empréstimos intercompanhias.

6/ Registra papéis de curto prazo, crédito comercial de curto prazo, derivativos financeiros, depósitos de não-residentes, outros passivos e erros e omissões.

Os investimentos estrangeiros em carteira registraram ingressos líquidos de US\$3,3 bilhões. Os investimentos em ações somaram US\$2,5 bilhões, com ingressos líquidos de US\$2,8 bilhões referentes a ações negociadas no exterior e saídas de US\$363 milhões em ações negociadas no País. Os investimentos em títulos de renda fixa totalizaram US\$798 milhões, com saídas de US\$236 milhões aplicados em títulos negociados no País e ingressos líquidos de US\$1 bilhão relativos a ações negociadas no exterior. Observaram-se colocações líquidas de US\$2,1 bilhões em bônus e de US\$541 milhões em títulos de curto prazo, compensados, em parte, pela amortização líquida de US\$1,6 bilhão de *notes* e *commercial papers*.

Outros investimentos brasileiros no exterior registraram saídas líquidas de US\$5,5 bilhões. Essas saídas concentraram-se no aumento líquido de US\$5 bilhões em depósitos de residentes no exterior, dos quais US\$4,2 bilhões de bancos e US\$808 milhões de demais setores.

Outros investimentos estrangeiros líquidos no País somaram US\$9,3 bilhões, dos quais US\$6,8 bilhões relativos ao Programa de Assistência Financeira (PAF). Os créditos comerciais líquidos concedidos a residentes somaram US\$2,7 bilhões, com amortizações líquidas de US\$135 milhões de recursos de longo prazo e concessões líquidas de US\$2,9 bilhões de recursos de curto prazo. Os empréstimos líquidos a residentes totalizaram US\$7,4 bilhões, incluídos os recursos desembolsados ao Banco Central pelo FMI, no âmbito do PAF. Os empréstimos aos demais setores resultaram em ingressos

líquidos de US\$708 milhões, com desembolsos líquidos de US\$1,6 bilhão de recursos de longo prazo e amortizações líquidas de US\$930 milhões de recursos de curto prazo. Nos empréstimos de longo prazo observaram-se desembolsos líquidos de US\$1,1 bilhão provenientes de organismos e de

Projeção para o balanço de pagamentos em 2002

Balança comercial

A projeção para a balança comercial, com base no método dos mínimos quadrados, partiu de três equações para as exportações e de quatro equações para as importações, a saber: exportações de produtos básicos, semimanufaturados e manufaturados, e importações de bens de capital, de matérias-primas, de bens de consumo duráveis e de bens de consumo não-duráveis. Os cálculos foram feitos a partir de séries trimestrais de índices de *quantum* da Funcex para cada categoria.

Na estimativa para as importações de combustíveis e lubrificantes, considerou-se para os preços a mesma variação esperada para a cotação do petróleo, em torno de -23,7%, tomando-se a cotação de US\$18,50 por barril na média para 2002 (*World Economic Outlook* – WEO/IMF), e aumento de 4% no consumo doméstico.

Diante desse cenário, as exportações cresceriam 5,8%, as importações 1,3% e o saldo comercial alcançaria US\$4,7 bilhões. As taxas de crescimento são moderadas, no caso das exportações, porque a recuperação da economia mundial dar-se-á de forma lenta em 2002, e no caso das importações, em razão de a economia doméstica também estar avançando em ritmo moderado, o que inibe as compras externas, já contidas pela depreciação da moeda.

O superávit comercial do trimestre setembro a novembro, visto pelo saldo médio dessazonalizado, totalizou US\$704 milhões. Caso a balança comercial repetisse o desempenho desse trimestre em 2002, o superávit anual seria de US\$8,4 bilhões.

As projeções com base no comportamento de variáveis determinantes ou, simplesmente, com base no comportamento recente das exportações e das importações, são alguns referenciais do que se pode esperar do comércio para 2002. Em ambos os casos, há sinais claros de melhora importante do saldo da balança comercial, o que justifica os US\$5 bilhões de superávit incluídos na projeção do balanço de pagamentos.

Projeção da balança comercial para 2002

Discriminação	Variáveis determinantes				Resultados	
	PIB mundial	PIB doméstico	T.câmbio real	Variável dependente (-1)	Var. %	Valor (US\$ bilhões)
	Coeficientes de regressão					
Exportações	-	-	-	-	5,8	61,6
Básicos	-	1,24	-	0,63	15,1	17,5
<i>R2 = 0,905</i>	-	(4,45)	-	(4,63)		
Semimanufaturados	1,14	-0,90	0,14	0,39	-0,4	8,2
<i>R2 = 0,94</i>	(6,71)	(-2,93)	(2,06)	(4,63)		
Manufaturados	0,26	-	0,24	0,52	3,2	35,9
<i>R2 = 0,94</i>	(4,09)	-	(4,10)	(6,85)		
Importações	-	-	-	-	1,3	56,9
Bens de consumo	-	-	-	-	3,2	5,9
Duráveis	-	1,51	-0,60	0,83	9,5	2,3
<i>R2 = 0,983</i>	-	(2,92)	(-3,07)	(15,27)		
Não-duráveis	-	1,61	-0,61	0,35	-0,3	3,7
<i>R2 = 0,983</i>	-	(3,92)	(-6,79)	(4,24)		
Matérias-primas	-	1,92	-0,31	0,47	3,7	33,8
<i>R2 = 0,984</i>	-	(8,97)	(-3,68)	(7,95)		
Combustíveis e lubrific.	-	-	-	-	-20,7	5,7
Bens de capital	-	1,19	-0,26	0,42	7,4	11,5
<i>R2 = 0,985</i>	-	(2,51)	(-2,90)	(4,46)		
Saldo	-	-	-	-	-	4,7

Usos e fontes

Quanto aos demais itens do balanço de pagamentos, as projeções para 2002 indicam pequeno aumento nas despesas líquidas com serviços e rendas. O item que determina esse aumento é a remessa de lucros e dividendos, cujos envios projetados para 2002 superam as remessas de 2001, em razão não só do acúmulo de investimentos dos últimos anos, em processo de amadurecimento, mas também por um cenário de maior estabilidade no mercado de câmbio. Os pagamentos líquidos de juros devem apresentar ligeira queda, ainda que haja aumento da dívida externa em 2002, por conta da redução na taxa básica de juros. A taxa de juros média considerada para a dívida externa com posição em setembro de 2001 foi de 7% a.a., e a taxa média considerada para os novos desembolsos, de outubro de 2001 a junho de 2002, com impacto nas despesas do próximo ano, de 5,9% a.a. Nesse caso, partiu-se do patamar de 2% a.a. para a taxa básica, mais um *spread* variável de acordo com cada modalidade de endividamento. O *spread* mais alto, 5,5% a.a., foi atribuído às captações via bônus, por serem de prazos mais extensos, e o mais reduzido, 3,5% a.a., aos créditos de fornecedores e aos empréstimos intercompanhias, operações normalmente efetuadas entre empresas do mesmo grupo.

Hipóteses para a projeção de juros sobre a dívida externa - 2002

Modalidades	Taxa de juros sobre a dívida externa total e sobre novos desembolsos ^{1/}		
	Dívida externa setembro de 2001	Novos desembolsos Out-2001/Jun-2002	
		Taxa (anual)	Spread
Bônus	Dado	7,5%	5,5%
Empréstimos em moeda	8,5%	7,0%	5,0%
Notes e C.P.	8,5%	7,0%	5,0%
Empréstimos diretos	8,5%	7,0%	5,0%
Fornecedores	5,0%	4,0%	2,0%
Compradores	6,5%	5,5%	3,5%
Organismos (exc. FMI)	5,6%	5,5%	3,5%
Agências	6,5%	5,5%	3,5%
Intercompanhia	6,4%	4,0%	2,0%

1/ Taxa básica: 2% a.a.

Quanto aos serviços, espera-se retração em despesas líquidas com viagens internacionais, também em decorrência da desvalorização do real ao longo deste ano, e elevação nos demais serviços, especialmente nos serviços relacionados aos investimentos diretos, como aluguel de equipamentos e assistência técnica.

Dada a estabilidade em transferências unilaterais em 2001 e 2002, o déficit em transações correntes projetado para 2002, considerando superávit para a balança comercial de US\$5 bilhões, alcançaria US\$20,6 bilhões, US\$2,8 bilhões a menos que o previsto para 2001, melhora devida principalmente ao incremento do saldo comercial.

Os usos de recursos para 2002, compostos pelo saldo em transações correntes e as amortizações da dívida externa, foram projetados em US\$47,7 bilhões, US\$8,7 bilhões a menos que o previsto para 2001. Além do menor déficit em transações correntes, as amortizações deverão ser inferiores. Se as amortizações refinanciadas e a dívida nacionalizada forem postas à parte, os pagamentos projetados para o próximo ano irão contrair US\$800 milhões ante os relativos a 2001.

O cálculo das amortizações considerou a dívida externa de médio e longo prazos de setembro de 2001, que define parte do esquema de pagamentos para o ano seguinte, e os desembolsos de outubro de 2001 a setembro de 2002. Em média, 15% dos novos desembolsos vencem no período entre 3 meses e 12 meses, 20% vencem no período entre 12 meses e 24 meses, e 65% vencem após 2 anos. Padrão razoável, considerando-se o comportamento

Hipóteses para a projeção de amortizações - 2002

Modalidades	Vencimentos da dívida de MLP e dos novos desembolsos de MLP			
	Dívida externa	Novos desembolsos (out-2001/dez-2002)		
		Setembro	Vencimentos (%)	
	de 2001 (US\$ milhões)	Até 1 ano	Entre 1 e 2 anos	Acima de 2 anos
Bônus	2 406	0%	0%	100%
Empréstimos em moeda	9 920	13%	24%	63%
Fornecedores	2 126	40%	30%	30%
Compradores	3 667	40%	30%	30%
Organismos (exc. FMI)	3 071	0%	0%	100%
Agências	1 768	0%	0%	100%
Intercompanhia	4 027	9%	30%	61%

observado para os desembolsos do terceiro trimestre de 2001. Para os novos desembolsos, não há vencimentos nos 3 primeiros meses.

As principais fontes de financiamento vêm dos investimentos estrangeiros diretos (IED) e dos desembolsos de médio e longo prazos. Os US\$18 bilhões de IED não consideram recursos de privatizações, situando-se abaixo dos ingressos de 2001, exclusive privatizações. Os empréstimos de médio e longo prazos, inclusive os bônus da República, consideram que 134%, em média, dos vencimentos serão rolados e que 10% das importações serão financiadas por prazo superior a um ano. Prevê-se, ainda, US\$5,8 bilhões de financiamentos de organismos (Bird e BID) e agências.

Percentuais de rolagem e financiamento

Item	2000	2001 ^{1/}	2002 ^{2/}
Proporção dos financiamentos de fornecedores e compradores sobre as importações	11%	13%	10%
Fator de rolagem			
Empréstimos de médio e longo prazo			
Bancos	158%	140%	110%
Papéis	141%	77%	100%
Intercompanhia	167%	176%	122%
Bônus	257%	225%	205%

1/ Previsão.

2/ Projeção.

Os investimentos brasileiros no exterior, compostos por investimentos diretos, em carteira e outros investimentos, devem contribuir com saídas líquidas de US\$1,1 bilhão. Espera-se retorno de US\$2,2 bilhões de depósitos de bancos no exterior, inflados pelo cenário de incertezas formado ao longo do segundo semestre.

Ativos brasileiros no exterior

Discriminação	US\$ bilhões		
	2000	2001 ^{1/}	2002 ^{2/}
Ativos brasileiros no exterior	-6,6	-3,6	-1,1
Investimento direto no exterior (líquido)	-2,3	1,4	-1,3
Ativos em carteira (líquido)	-1,7	-0,8	-1,0
Derivativos	0,4	0,5	0,0
Outros investimentos (líquido)	-3,0	-4,7	1,2
Depósitos de bancos	1,3	-3,4	2,2
Demais setores	-4,3	-1,2	-1,0

1/ Previsão.

2/ Projeção.

Demonstrativo dos fluxos de reservas internacionais para 2001 e 2002

Discriminação	US\$ milhões	
	2001 ^{1/}	2002 ^{2/}
Posição de reservas no ano anterior	33 011	36 659
Reservas líquidas no ano anterior	31 541	28 432
Serviço da dívida (líquido)	-8 171	-7 117
Juros	-4 061	-3 842
Receita	1 884	1 600
Despesa	5 945	5 442
Amortização	-4 110	-3 275
Desembolsos	8 236	6 500
Organismos multilaterais (BID/BIRD)	1 555	1 500
Empréstimos de M. e L. Prazo (Bônus República)	6 681	5 000
Operações de regularização (FMI)	6 757	-2 473
Liberção de garantias	548	0
Privatizações (ações minoritárias)	0	600
Intervenções líquidas do Banco Central	-6 905	0
Compras do Tesouro Nacional	839	0
Demais (inclui pré-pagamento da Polônia em novembro de 2001)	2 345	0
Varição de reservas	3 648	-2 491
Posição de reservas	36 659	34 169
Reservas líquidas	28 432	28 415

1/ Previsão.

2/ Projeção.

As reservas internacionais também deverão ser utilizadas como fonte de recursos, mas para suprir somente os pagamentos externos líquidos do Governo Central (Banco Central e Tesouro Nacional), projetados em US\$2,5 bilhões para o próximo ano. Dentre os ingressos previstos que afetarão as reservas internacionais, figuram US\$1,6 bilhão de receitas de juros decorrentes das aplicações das reservas, US\$0,6 bilhão de recursos oriundos da venda de ações minoritárias pertencentes ao Tesouro Nacional, a serem classificados no balanço de pagamentos como investimento em carteira (ações), US\$1,5 bilhão de financiamentos de organismos (BID/Bird), no âmbito do Programa de Assistência Financeira ao País, e US\$5 bilhões de captações via colocação de bônus da República. Os pagamentos contemplam despesas relativas ao serviço da dívida externa do Governo Central, US\$5,4 bilhões de juros e US\$3,3 bilhões de principal e, ainda, o pagamento de US\$2,5 bilhões de principal ao Fundo Monetário Internacional.

US\$1,5 bilhão na forma de empréstimos diretos, e amortização líquida de US\$904 milhões de créditos de compradores. Registrou-se, ainda, a saída de US\$772 milhões a título de depósitos no exterior.

4.4 – Conclusão

Os sinais de arrefecimento das importações detectados desde o início do segundo semestre foram confirmados e acentuados a partir de setembro. Uma vez que as exportações de *commodities*, como soja, carnes e açúcar, mantiveram-se expressivas, o saldo anual da balança comercial deverá apresentar superávit superior a US\$2 bilhões. Em serviços, um dos itens mais importantes, viagens internacionais, também mostra despesas em queda, em razão do desaquecimento da economia, mas, principalmente, pelo efeito da depreciação do real.

Os ingressos referentes às principais fontes de financiamento do balanço de pagamentos, investimentos estrangeiros diretos e empréstimos de médio e longo prazos, tanto os empréstimos diretos quanto as captações por meio da colocação de papéis, refletiram o cenário de incertezas delineado a partir dos eventos de setembro nos Estados Unidos. À medida que tais incertezas foram se dissipando, os fluxos de capitais voltaram a ingressar em maior volume, como indicam os dados de novembro. O investimento estrangeiro direto ultrapassou o montante de US\$2 bilhões e os desembolsos de empréstimos superaram as amortizações.

As perspectivas para 2002 são favoráveis. Espera-se melhora no resultado de transações correntes, pelo incremento do superávit comercial, e que as fontes de financiamento, mesmo com previsões conservadoras, sejam suficientes para atender as necessidades externas do País. A variação de reservas internacionais, prevista para o próximo ano, deverá corresponder exclusivamente às necessidades externas de pagamentos líquidos do Governo Central.